

Educação e mídia: representações de infância e juventude no programa jornalístico "Profissão Repórter" ¹

Cayron Henrique A. Fraga²

Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, MT

Resumo

O uso da mídia para fins educativos e informativos tem se ampliado enormemente nos últimos tempos, o que nos permite refletir sobre o papel que esse importante meio tem na produção e circulação de formas simbólicas e na mediação ideológica nas sociedades modernas. Para tanto, cabe analisarmos o papel da mídia nas produções simbólicas de uma dada cultura. Os discursos produzidos pela indústria midiática, na maioria das vezes, distribuem padrões culturais que se repetem na sociedade. Nesse contexto, pode-se pensar como a televisão participa da construção social da infância e juventude. Considerando a posição subordinada da infância e juventude em nossa sociedade, o presente trabalho, fruto do início de uma pesquisa de mestrado, busca investigar qual o tratamento dado à infância e juventude nas videorreportagens do programa jornalístico "Profissão Repórter" (Rede Globo), ou seja, tomamos este programa como um corpus de análise dessas representações.

Palavras-chave: mídia; infância e juventude; representação social; construção social da infância e juventude.

Introdução

O uso da mídia para fins educativos e informativos tem se ampliado enormemente nos últimos tempos, o que nos permite refletir sobre o papel que esse importante meio tem na produção e circulação de formas simbólicas e na mediação ideológica nas sociedades modernas. Para tanto, cabe analisarmos o papel da mídia nas produções simbólicas de uma dada cultura. Os discursos produzidos pela indústria midiática, na maioria das vezes, distribuem padrões culturais que se repetem na sociedade. Nesse

¹ Trabalho apresentado ao V Congresso Internacional de História de Jataí 2016.

² Mestrando do curso de Pós-graduação em Educação – PPGEduc / UFMT / CUR.

contexto, pode-se pensar como a televisão participa da construção social da infância e da juventude.

Considerando a posição subordinada da infância e juventude em nossa sociedade, o presente trabalho, fruto do início de uma pesquisa de mestrado, busca investigar qual o tratamento dado às categorias nas videorreportagens do programa jornalístico "Profissão Repórter" (Rede Globo), ou seja, tomamos este programa como um corpus de análise dessas representações.

Os jovens são vistos como uma categoria única, caracterizada por uma faixa etária que determina sua condição social, excluindo qualquer possibilidade de pertencerem a grupos diferentes, com características e culturas distintas.

“A juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável. [...] o fato de se falar dos jovens como uma unidade, um grupo dotado de interesses comuns, e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação.” (PAIS, 1990, p.146).

A representação que a juventude ganha na mídia é, na grande maioria, voltada para os problemas que a categoria, supostamente, representa para si e para a sociedade. Temas como violência, uso de drogas, gravidez e abandono, são as principais pautas dos veículos de comunicação de todo o país, seja impresso, eletrônico, radiofônico ou televisivo. As matérias sugerem, na maioria das vezes, uma culpabilização da família, que não soube manter o jovem sob as condutas impostas pela sociedade, e também do próprio jovem, que se “desviou” e foi para o caminho do crime. Como aponta Abramo:

“A grosso modo, no entanto, pode-se dizer que a maior parte desses programas está centrado na busca de enfrentamento dos ‘problemas sociais’ que afetam a juventude (cuja causa ou culpa se localiza na família, na sociedade ou no próprio jovem, dependendo do caso e da interpretação), mas, no fundo, tomando os jovens eles próprios como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social.” (ABRAMO, 1997, p. 75).

O presente artigo foi construído a partir de três ideias, sendo que a primeira traz um debate sobre os estudos sociais da infância e da juventude, conforme os precursores

na área, Philippe Ariès e José Machado Pais. A segunda discute linguagem e ideologia midiática. E a terceira, traz programas sobre infância e juventude produzidos nos últimos dez anos e indicados para análise.

1. Estudos Sociais Sobre Infância e Juventude

A Infância

O conceito de infância surgiu a partir de uma série de construções sociais. A criança sempre fez parte da história, mas não havia, até a modernidade, a ideia de infância tal qual a temos hoje. Ela é constituída em tempos diversos, com realidades e diferentes representações. Nossa sociedade transformou a infância em um tempo de espera, onde a vida acontece em períodos determinados. Philippe Ariès, considerado o precursor dos estudos da infância, traz essa ideia de construção social e também de variabilidade de conceitos da infância. O autor desconstrói a naturalização da noção de infância. Para ele, “[...] até o fim do século XII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido” (Ariès, 2006, p.18). A história nos mostra que ao longo dos séculos apareceram distintas visões de infância.

No primeiro momento, a criança era vista como um adulto em miniatura sob os cuidados da família. Também havia instituições que serviam como alternativa para crianças que viviam em situações de rejeição.

“A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.” (ARIÉS, 1981 p. 65).

Hoje é sabido que no passado não existia o sentimento de infância. Conforme Ariès (2006), em meados do século XVI, essa consciência sobre a particularidade do

universo infantil começava a existir. Tinha-se uma compreensão de infância pautada na pobreza e na caridade. Era alto o índice de mortalidade infantil, pelo fato de que o risco de morte pós-natal era enorme, além das más condições de saúde e higiene da população em geral, e das crianças em particular. O sentimento de cuidado que se tem hoje, em relação às crianças, não era o mesmo naquela época. Por exemplo, uma criança morta não causava comoção, pois logo era substituída por outra. Para as famílias da época, a morte de um filho era sanada por outra criança que ocuparia o seu lugar.

No século XVII se evidencia um maior protagonismo da infância. As crianças ainda eram vistas como adultos, se caracterizam como adultos, participavam do mesmo ambiente que eles e até dividiam o trabalho diário. Porém, este século foi importante na evolução dos temas da primeira infância. Foi nesse período que retratos de crianças sozinhas se tornaram mais numerosos e comuns. Foi também no século XVII que os retratos de família tenderam a se organizar em torno da criança que se tornou o principal elemento da composição. Outro fato relevante da época diz respeito à caracterização da criança. A criança de família nobre ou burguesa passou a ser vestida de forma diferente dos adultos. Essa mudança poderia ser notada nas obras de artes em que essas famílias eram retratadas. Mas foi a partir do século XIX e XX que a infância começou a tomar seu lugar na sociedade e se tornou importante para a família. Surge a necessidade de se pensar na criança como alguém que necessita de cuidados diferenciados. Começa então a brotar a forma como hoje conhecemos a infância.

Como decorrência, aparecem, também, as primeiras instituições destinadas ao atendimento exclusivo para crianças. Os internatos, a tutela, a ideia de isolamento, pois até então a criança estava inserida no meio social entre os adultos. O surgimento dessas instituições ocorreu na primeira metade do século XIX, até 1850, em vários países da Europa, e no Brasil, no último quartel do século XIX.

Uma das teses de Ariès é o enclausuramento que as crianças sofreram na escola e em suas casas. O autor debate sobre a retirada das crianças do espaço público. Se antes elas pertenciam às comunidades, agora são vistas como responsabilidade exclusiva dos pais e da escola. Assim, como pontua Jens Qvortrup:

“As crianças perderam sua visibilidade legítima no espaço público quando foram confinados a uma variedade de formas institucionais de infância: uma infância familiar, uma infância escolar, uma infância pré-escolar, uma infância de lazer, etc.” (QVORTRUP, 2014, p.28).

A infância deixou de ser participação e foi levada a proteção. Uma proteção construída através da ótica do adulto. A criança já está na sociedade, já é sociedade, mas o discurso adulto insiste em projetá-la para uma sociedade idealizada. As crianças têm um papel social fundamental, elas são necessárias para a sobrevivência da própria sociedade.

A Juventude

No final do século XIX a juventude da periferia passou a ser vista como um problema. Fatores como a urbanização, o crescimento populacional e as más condições de trabalho que as classes trabalhadoras tinham contribuíram para o surgimento de gangues³ nas metrópoles, como os hooligans de Londres e os apaches de Paris. Com sua cultura e estilo próprio, essas gangues eram compostas por rapazes e moças, e apesar de viverem uma liberdade sexual, havia um machismo em relação as mulheres. O estilo de vida desses jovens era questionado e não aceito pela sociedade, pois a principal atividade era o crime, disputas de gangue e assassinatos sob encomenda. “Na falta de uma estrutura imposta por adultos, eles se organizavam em gangues que mal podiam ser controladas.” (SAVAGE, 2009). Esses grupos de jovens foram se tornando evidência nas páginas da imprensa, na última década do século XIX, o problema da delinquência juvenil foi se tornando mais intenso e a sociedade passou a notar os jovens através da imprensa e de suas pautas sensacionalistas: “O jovem era um assunto emocionante, mais ainda se associado ao crime e a hábitos estranhos e bárbaros.” (SAVAGE, 2009).

³ Uma gangue é um grupo de pessoas que compartilha de uma mesma identidade e possuem um objetivo em comum. O termo está relacionado de forma negativa, já que originalmente é designado a aquele grupo de pessoas que se reuniam para fazer atividades ilegais, como consumo de drogas, roubos e assaltos, além de brigar com outras gangues.

A categoria foi e continua sendo representada como uma transição para a vida adulta caracterizada pela aquisição de responsabilidade, através da formação profissional, da união conjugal, da constituição familiar.

“Um adulto é responsável, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos.” (PAIS, 1990, p. 141).

Os conflitos envolvendo a juventude têm crescido bastante, pelo fato de que seguir os padrões estabelecidos pela sociedade para alcançar a emancipação tem se tornado uma meta cada vez mais difícil. A dificuldade de obter um emprego satisfatório e de uma vida afetiva tem colocado os jovens em busca de alternativas. Conforme Pais,

“As dificuldades de constituição de um lar, em idades socialmente consideradas como as mais apropriadas, faz que alguns jovens rejeitem – em alguns casos, não sem a contrariedade da família – o modelo tradicional de casamento e optem por relações pré-matrimoniais ou uniões livres, ou, ainda, adiram ao aborto, às relações precárias, ao divórcio e às chamadas variantes da vida sexual.” (PAIS, 1990, p.142).

Associar a juventude a temas relacionados a ‘problemas sociais’ é uma discussão histórica e discutida por vários teóricos. A juventude ganha destaque na sociedade quando representa ameaça para si e para o outro. Ameaça, muitas vezes, construída e disseminada pela mídia. Quando o assunto é cidadania, a figura do jovem é sempre lembrada, mas de forma negativa e, geralmente, associado a privação e assunto de denúncia, e nunca – ou quase nunca – como sujeitos capazes de participar dos processos de definição, invenção e negociação de direitos. Como expressa Abramo:

“No entanto, toda vez que se relaciona a questão da juventude à da cidadania, seja pelos atores políticos seja pelas instituições que formulam ações para jovens, são os ‘problemas’ (as privações, os desvios) que são enforcados; todo debate, seminário ou publicação relacionando esses dois termos (juventude e cidadania) traz os temas da prostituição, das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez precoce, da violência. As questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos.” (ABRAMO, 1997, p. 78).

Abramo também nos lembra de que os programas de televisão e rádio produzem em suas grades de programação conteúdos que contemplem todos os públicos. Nesse caminho, também seguem os jornais e revistas acompanhando essa produção segmentada.

Os conteúdos midiáticos produzidos para o público jovem vêm crescendo, os cadernos, geralmente, abordam temas como cinema, música, lazer, esporte e comportamento. Mas quando o conteúdo é sobre o jovem e direcionado ao público adulto, a abordagem é diferente. Temas como violência, drogas e abuso sexual ganham espaço na imprensa.

Para José Machado Pais, a mídia contribui para que essa cultura juvenil fragmentada seja difundida na sociedade, reforçando ainda mais essa construção da juventude perigosa, problemática e irresponsável. Nas palavras de Pais: “[...] as notícias que estes veiculam a propósito da cultura juvenil ou de aspectos fragmentados dessa cultura (manifestações, moda, delinquência, etc.) encontram-se afetadas pela forma como tal cultura é socialmente definida”. (PAIS, 1990).

Essa cultura construída socialmente e alimentada pela mídia, reforça a ideia de que “problema social” é uma característica inata da juventude. Os problemas de criminalidade, violência, incapacidade profissional, são algumas das atribuições estereotipadas que são reconhecidas como sendo específicas dos jovens. Sobre essa problemática, Pais levanta o questionamento: “Mas sentirão os jovens estes problemas como os seus problemas?”. (PAIS, 1990).

2. Linguagem e Ideologia da Mídia

O jornalismo é considerado uma ferramenta importante e que exerce influência nas decisões dentro da sociedade contemporânea. Ele é o responsável em informar e garantir às pessoas o direito a essa informação de forma isenta, imparcial e com qualidade. Porém, alguns autores criticam essa atuação do jornalismo e acreditam que a divulgação da informação está comprometida com outros interesses. “O campo jornalístico está

permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado, por meio da sensação, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência” (BOURDIEU, 1997, p. 106).

É possível afirmar que os fatos antes de serem apresentados pela imprensa passam por uma espécie de “filtro”, conceito denominado no jornalismo por *gatekeeper*⁴. Esse “filtro” tem grande influência sobre a informação que vai chegar até o público, pois leva em consideração uma série de análises. Essa teoria entende que as notícias são como são porque os jornalistas a determinam. Ou seja, há intencionalidade no jornalismo e que o procedimento é arbitrário e subjetivo. Se levarmos em consideração que a produção jornalística sofre influência mercadológica e ideológica, a produção de matérias sobre crianças e jovens tendem a seguir um padrão repetitivo em que a categoria será, ora vitimada, ora protagonista, mas sempre representada como uma fase conturbada, carregada de problemas:

“A mídia se vê, ora observadora neutra das *gangues*, ora adversária, quando na realidade ela contribui, em parte, para a sua sobrevivência. [...] Convém notar logo de início, que não são ‘especialistas’ sobre *gangues*, mas jornalistas das mídias ditas de ‘massa’ que são autoridades na matéria. De modo que é a principal fonte de informação não somente do ‘cidadão médio’, como também dos pretensos ‘especialistas’ responsáveis pela elaboração e realização das medidas de luta contra as *gangues*.” (JANKOWSKI, 2007, p. 126).

A mídia tem um poder significativo de influenciar a opinião pública. Seja em âmbito local, através de um pequeno veículo de comunicação, ou nacional por meio de uma grande empresa de mídia. Os discursos produzidos pelos meios de comunicação não têm como objetivo único difundir notícias, mas também viabilizá-las. Torna-las interessantes para o público. Dessa forma, durante o processo de construção é levado em consideração o contexto sócio histórico e a linha editorial do veículo. Surge então um agendamento de notícias que vai “definir” o que o público vai ver, quando e sob qual perspectiva. O autor Douglas Kellner a partir de sua obra *A Cultura da Mídia*, desenvolve

⁴ Gatekeeper é um conceito jornalístico para edição. Aquele que define o que será noticiado de acordo como valor-notícia, linha editorial e outros critérios. Gatekeeper também pode ser entendido como o "porteiro" da redação. É aquela pessoa que é responsável pelo filtragem da notícia, ou seja, ela vai definir, de acordo com critérios editoriais, o que vai ser veiculado.

análises de conteúdos midiáticos afirmando a tese de que a forma dominante da cultura se encontra na mídia:

“Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. [...] A cultura da mídia almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados hieroglíficos da vida social contemporânea.” (KELLNER, 2001, p.09).

Existe uma tendência dos produtos da indústria cultural, em especial, a televisão, em ditar padrões de comportamento, beleza, moda. Julgar o que é “certo” e “errado”, “bom” e “ruim”. Padrões que vão construindo uma cultura de normas que vai definindo comportamentos masculinos, femininos, infantis, adultos. Nos programas de televisão, assim como nos telejornais, os elementos visuais, sonoros e a escolha dos personagens jogam com as emoções, com os sentimentos e com as ideias contribuindo para reforçar estereótipos, mitos e (pré) conceitos.

3. Programa Profissão Repórter

Profissão Repórter é um programa jornalístico semanal veiculado na Rede Globo, às quartas-feiras, à noite. A estreia do programa aconteceu em 2006, no mês de abril como especial do *Globo Repórter*, com o tema “Trânsito em São Paulo”. Já no mês de maio o *Profissão Repórter* entrou como quadro do *Fantástico*, exibindo 43 reportagens e essa parceria durou até fim de 2007. As primeiras reportagens traziam a vida de pichadores e o trabalho dos cortadores de cana.

O programa é dirigido e apresentado pelo jornalista Caco Barcellos. Natural de Porto Alegre – RS, com mais de 40 anos de profissão, participou do jornalismo em oposição à Ditadura Militar brasileira, cobriu várias tragédias e se dedicou a grandes reportagens investigativas e de cunho social. Além de atuar em importantes veículos de comunicação, como as revistas *Veja* e *Istoé*. Também passou pela *Globo News*, *Jornal Nacional*, *Fantástico* e *Globo Repórter*, pertencentes à Rede Globo de Televisão

Caco também é escritor e especialista em jornalismo investigativo e documentário. Entre suas obras, destaca-se o premiado *Rota 66* (1992), livro que lhe rendeu o prêmio Jabuti na categoria Reportagem. A obra também rendeu meses de pesquisa e conflitos com autoridades, pois denunciava a crueldade da polícia paulistana nas periferias da cidade, como mostrou sua pesquisa que identificou na época o número de 4.200 delinquentes e jovens assassinados pela Polícia Militar do Estado de São Paulo.

A ideia do *Profissão Repórter* nasceu uma década antes da sua real estreia em 2006. Foi durante a implantação da Globo News que os idealizadores, Caco Barcellos e Marcel Souto, trocaram informações sobre a criação de um quadro jornalístico em que a investigação e a inovação andariam juntas:

“Dez anos antes, em 1996, durante a implantação da Globo News, entrei em contato pela primeira vez com os dois ingredientes fundamentais do futuro programa: o já consagrado e sempre incansável Caco Barcellos e a fervilhante equipe de jovens profissionais que trabalhavam duro, nas ruas e ilhas de edição, para pôr no ar ‘a vida real em tempo real’ no primeiro canal de notícias 24 horas do país[...]. [...] Programa semanal, investigativo, de 22 minutos, com uma temática central: justiça. Registrar de diferentes ângulos, diferentes pontos de vistas sobre o mesmo fato, mesma notícia.”

Em depoimento ao *Memória Globo*, Caco Barcellos defende que o *Profissão Repórter* é uma escola de jornalismo que incentiva os jovens repórteres a investigarem fatos relevantes do Brasil e do, mostrando os bastidores da notícia. O trabalho da equipe vai desde as discussões de pauta, conflitos éticos, até a edição:

“Eu desejava uma dinâmica de reportagem que pudesse contar a história sob vários ângulos. Porque não existe verdade absoluta; a verdade é sempre relativa de acordo com o olhar que você tem sobre aquela história.” (Globo.com, 2016).

O programa possui em média 30 minutos, divididos em dois blocos. Cada edição propõe uma temática em que uma equipe de jovens jornalistas, juntamente com Caco Barcellos, assume a pauta, vão a campo, colhem as entrevistas, as imagens e participam juntos de todo processo de edição. O formato utilizado pelo programa é o de

telejornalismo em que Caco assume em determinados momentos o papel de narrador, apresentador e mentor.

Cases propostos para análise

A proposta desta pesquisa é analisar, neste momento, alguns casos do programa *Profissão Repórter* sobre a temática *infância e juventude* observando quais construções são representadas. A partir de uma pesquisa prévia no livro *Profissão Repórter 10 anos: grandes aventuras e grandes coberturas (2016)* e também em sites de busca constatou-se que no período de abril de 2006 a abril de 2016 foram produzidas em média 15 edições com temáticas relacionadas a sexo e sexualidade, uso de drogas, abandono, abuso sexual, gravidez, violência. Foi escolhido para análise o *case: Gravidez na adolescência*, exibido no dia 22 de novembro de 2011.

A equipe vai para a capital do Amazonas, Manaus, para fazer uma reportagem sobre o grande índice de adolescentes grávidas no estado, conforme pesquisa apontada por uma médica entrevistada durante o programa. Foram escolhidas três personagens, uma de 11 anos, outra de 13 e a terceira de 15 anos de idade. A edição do programa começa com três sequências de imagens das três meninas em casa, mostrando os enxovais, e a seguinte narração:

Laisla, 13 anos. O namorado queria a gravidez.

Luciana, 15 anos, vai ter o filho sozinha.

Camila, 11 anos, ela quis ter um bebê. (00:00:04).

Além de serem consideradas um problema social por terem engravidado na adolescência, cada uma delas traz mais um “problema” específico. Laisla, engravidou para sair de casa e satisfazer a vontade do namorado. Luciana, já começa a sentir o preconceito de ser mãe solteira, e Camila, “interrompeu” a infância para ter uma vida de “adulto”. Outra característica em comum, todas são pobres e vivem com a família.

A personagem mais nova da reportagem, Camila, sempre gostou de criança e não encara a situação como um problema grave para si. Pode-se observar isso na entrevista com o repórter, Caco Barcellos:

CAMILA – Eu estava pensando em fazer um filho... Eu fiz!

CACO – Por que você estava pensando em fazer um filho?

CAMILA – Porque eu acho legal cuidar de uma criança. (00:05:19).

A afirmação da personagem contradiz a construção de que a criança não sabe o que quer e que a infância é uma fase de inocência e incapacidade. Outra característica reafirmada, é a submissão que os filhos vivem em relação a família e instituições. O diálogo do repórter com a Camila e sua mãe, aponta isso:

CACO – Por que você acha que elas ficam grávidas?

MÃE – Na minha opinião, é para ter mais liberdade. Ficando grávidas, elas vão poder sair. Elas acham que vão crescer. (...) O namorado dela está dando apoio, ajudando no que ela precisa, mas viver junto nem pensar. Ela vai ficar em nossa casa.

CACO – Por que a senhora não quer?

MÃE – Porque é uma criança. É uma adolescente.

CACO – E o que você quer, Camila?

CAMILA – Eu quero continuar até o final. Quando não der certo, ele vai para um lado e eu vou para o meu. (00:00:55).

O discurso de que a irresponsabilidade e a submissão são características do adolescente está implícito na família, nos diálogos com os pais. A experiência vivida pelos pais, quando adolescentes, muitas vezes, impedem que os filhos tenham suas próprias experiências, seus próprios desafios. A narração, da última cena do programa, deixa evidente que cada sujeito atribui um significado diferente para a mesma situação, ou contexto:

Camila mal chegou a adolescência, mas acha que quando o filho nascer, daqui três meses, vai poder ser uma mãe como as outras. (1:00).

CACO- O que você sabe fazer para o bebê?

CAMILA – Sei fazer ele dormir. Sei botar (sic) ele para brincar, fazer mamadeira, dar comida, sei dar banho, sei tudo. (00:03:00).

Considerações Finais

Falar da infância é falar das diversas composições que formam essa etapa da vida. Pensar a infância é pensar um sujeito que tem vontades, capacidade de opinar, de escolher, mas que ainda é subordinado pela sociedade: escola, família, judiciário, política. Por mais de oitos séculos inúmeros formatos e conceitos de infância foram sendo criados.

A juventude, entre a “fase de transição” e de “problema social”, vive em meio a estereótipos construídos no decorrer da história e disseminados ainda nos dias de hoje. Cada jovem tem sua própria experiência, sua trajetória e seus desafios. Até podem viver situações semelhantes, mas atribuem significados diferentes.

Infâncias, juventudes. Crianças, jovens. Crianças pobres, de família nobre. Inocentes e sem maldade. Jovens problemáticos, “filhos do crime”, sem experiência profissional. Categoria irresponsável. São essas as “caras” da infância e da juventude mostradas nas imagens e discursos dos programas jornalísticos. Essa construção que nos é mostrada no dia-a-dia já faz parte da nossa cultura, está em nossa família, na sala de aula, na roda de conversa da associação de bairro, nos grupos religiosos.

Referências

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. P.73-90;

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006;

BARCELLOS, Caco, 1950 – **Profissão repórter 10 anos**: grandes aventuras e grandes coberturas. 1ª ed. – São Paulo: Planeta, 2016;

GLOBO.COM. Memória Globo – Caco Barcellos, 2016. Disponível em:<<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/caco-barcellos.htm>>. Acesso em: 12 de agost. 2016.

JANKOWSK, Martín Sánchez. As gangues e a imprensa: a produção de um mito nacional. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. P.125-154;

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001;

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**. Vol. XXV (105-106), 1990 (1º e 2º), 139-165;

QVORTRUP, Jens. **Visibilidade das crianças e da infância**. Linhas críticas. Brasília. Vol. 20. Num 41. P. 23-42; jan-abr 2014.